

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

ALINE FERREIRA ANTUNES
(ORGANIZADORA)

Atena
Editora
Ano 2020

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S115 Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas 3 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-643-0

DOI 10.22533/at.ed.430201512

1. Epistemologia. 2. Teoria do conhecimento. 3. Ciências humanas. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 121

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

A obra “Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas volume 3” reúne 25 artigos de autoras/es diversos sobre temas relacionados às ciências humanas, tornando-a uma obra interdisciplinar que permite às leitoras e aos leitores terem acesso à pesquisas desenvolvidas no Brasil sob os mais diversos aspectos teórico-metodológicos.

Este é o terceiro volume lançado pela Atena Editora cujo mote é apresentar de maneira clara, objetiva, concisa e atual, estudos desenvolvidos nas ciências humanas, nas áreas de ensino e pesquisa, com estudos de caso, estudos comparativos, iconográficos, estatísticas, catalogação, relatos de experiência, dentre outros.

Neste sentido, a obra está dividida em duas seções, sendo a primeira destinada a artigos de pesquisa e a segunda a artigos que trazem aspectos acerca da educação. A linha condutora da obra são os mais diversos tópicos que rodeiam as ciências humanas de pesquisadores em formação inicial e/ou continuada no âmbito da pesquisa e do ensino com artigos abordando assuntos atuais e uma vasta bibliografia.

Sendo assim os artigos, em sua mais diversa abordagem, versam sobre os temas: iconografia, cidades brasileiras e estrangeiras, patrimônio (cultural, imaterial, ambiental urbano), memória, preservação, sentimento de pertencimento, conflitos linguísticos, culinária/gastronomia, biografias, espaço museológico, plantas místicas, práticas agroalimentares, concepções de paternidade, concepções sobre o feminino, discussões acerca do conceito de colonialidade, bem como educação, formação continuada, práticas formativas, educação ambiental, ação docente, dentre outros assuntos.

Em um momento histórico de alta contestação das pesquisas científicas e da própria universidade, obras como esta são de fundamental importância e resistência para divulgar o avanço das pesquisas brasileiras e ressaltar a capacidade de diálogo entre as áreas. Desta forma a Atena Editora se mostra capacitada, articulada e se torna um espaço de divulgação e debate para que pesquisadoras e pesquisadores possam expor e divulgar suas pesquisas e considerações sob os mais diversos temas, trazendo ampla contribuição aos estudos realizados nas ciências humanas.

Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A HISTÓRIA DE LONDRINA CONTADA POR IMAGENS: 20 ANOS DE DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

Paulo César Boni

Cássia Maria Popolin

DOI 10.22533/at.ed.4302015121

CAPÍTULO 2..... 18

MOBILIÁRIO URBANO EM ÁREAS HISTÓRICAS: INTERRELAÇÕES INTRÍNSECAS NA PAISAGEM CULTURAL DE LISBOA E SALVADOR

Eder Donizeti da Silva

Adriana Dantas Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.4302015122

CAPÍTULO 3..... 35

A MEMÓRIA DOS MORADORES COMO POSSÍVEL FERRAMENTA DE PRESERVAÇÃO DE UM BEM: O CASO DO HORTO DEL REY EM OLINDA, PERNAMBUCO

Ariadne Paulo Silva

Jeremy Wells

DOI 10.22533/at.ed.4302015123

CAPÍTULO 4..... 50

A HISTÓRIA E TEORIA DA CONSERVAÇÃO E RESTAURO MEDIANTE AÇÕES PROJETAIS SOBRE A PAISAGEM CULTURAL

Eder Donizeti da Silva

Adriana Dantas Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.4302015124

CAPÍTULO 5..... 69

A CONVERGÊNCIA ENTRE PAISAGEM RURAL E PAISAGEM INDUSTRIAL: O CASO DA MINERAÇÃO À CARVÃO VEGETAL DE MADEIRA EM MINAS GERAIS

Ronaldo André Rodrigues da Silva

José Manuel Lopes Cordeiro

DOI 10.22533/at.ed.4302015125

CAPÍTULO 6..... 85

RETUMBANTE NATUREZA HUMANIZADA COMO A MEMÓRIA DA FLÂNERIE DA AMAZÔNIA EM LUIZ BRAGA

Thiago Guimarães Azevedo

DOI 10.22533/at.ed.4302015126

CAPÍTULO 7..... 94

AS MOQUECAS BRASILEIRAS E OS *CURRYS* INDIANOS: UMA ANÁLISE DE ORIGEM

Maria Luiza Bullentini Facury

Alfredo Ricardo Abdalla

DOI 10.22533/at.ed.4302015127

CAPÍTULO 8	102
PLANTAS MÍSTICAS DA AMAZÔNIA TOCANTINA: AROMAS, RITUAIS E MEDICINA POPULAR	
Dyana Joy dos Santos Fonseca	
José Pompeu de Araújo Neto	
Jeferson Miranda Costa	
DOI 10.22533/at.ed.4302015128	
CAPÍTULO 9	128
BIOMETRIA DOS FRUTOS, SEMENTES E DESENVOLVIMENTO DE PLÂNTULAS DE PATA-DEVACA (<i>BAUHINIA BRASILIENSIS</i> SPRENG. VOGEL) CAESALPINACEAE, FABACEAE	
Katiuscia Freire de Souza	
Marcia Noelle Monteiro de Castro	
Clarice Silva e Souza	
Rosana Gonçalves Rodrigues das Dôres	
Tatiana Vieira Braga	
Juliana Cristina dos Santos Almeida Bastos	
Vicente Wagner Dias Casali	
DOI 10.22533/at.ed.4302015129	
CAPÍTULO 10	140
PRÁTICAS AGROALIMENTARES DE FAMÍLIAS AGRICULTORAS DE TAPEROÁ, BAHIA	
Sara Conceição dos Santos	
Juliede de Andrade Alves	
Luiza Guimarães Cavalcanti Spinassé	
Ianua Coeli Santos Ribeiro de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.43020151210	
CAPÍTULO 11	152
O SAKPÓ COMO EXPERIÊNCIA DO LIMIAR NO CONTEXTO SATERÉ-MAWÉ	
Solange Pereira do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.43020151211	
CAPÍTULO 12	165
AS CONCEPÇÕES DA PATERNIDADE E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PATERNA EM HOMENS-PAIS	
Flávio Lúcio Almeida Lima	
Celestino José Mendes Galvão Neto	
Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli	
DOI 10.22533/at.ed.43020151212	
CAPÍTULO 13	181
COLONIALIDADE, MODERNIDADE E DECOLONIALIDADE: EM BUSCA DO GIRO DECOLONIAL	
Paulo Robério Ferreira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.43020151213	

CAPÍTULO 14.....	199
SOBRE O GÊNERO BIOGRÁFICO E A IMPORTÂNCIA DO INDIVÍDUO PARA A HISTORIOGRAFIA	
Rosinda da Silva Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.43020151214	
CAPÍTULO 15.....	211
IDENTIDADE E PATRIMÔNIO: REALIZANDO O CIRCUITO DA TAIPA DE PILÃO EM MOGI: UM OLHAR SOBRE A CULTURA HISTÓRICA DA CIDADE	
Marcilene Romão Santos Iervolino	
Cristina Schmidt	
DOI 10.22533/at.ed.43020151215	
CAPÍTULO 16.....	228
CONFLITOS LINGÜÍSTICOS NO PARAGUAI. EMBATES ENTRE O JOPARÁ E AS LÍNGUAS OFICIAIS: CASTELHANO E GUARANI	
Luciano Marcos dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.43020151216	
CAPÍTULO 17.....	247
A CULTURA POLONESA NAS DANÇAS DO GRUPO FOLCLÓRICO KAROLINKA NA CIDADE DE SÃO MATEUS DO SUL – PR	
Ezieli Augustinhak Kaczyk	
Denise Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.43020151217	
CAPÍTULO 18.....	266
A FORMAÇÃO CONTINUADA SOB O ASPECTO DE PRÁTICAS FORMATIVAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL	
João Gabriel Rossi de Oliveira	
Leisa Aparecida Gviasdecki de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.43020151218	
CAPÍTULO 19.....	277
ENSINO DE GEOGRAFIA: A CONTRIBUIÇÃO DOS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS PARA ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA	
Vanusa Aparecida Almeida	
Ana Paula de Carvalho Monez	
Luciana Coghi da Cruz	
Luiz Rodrigues	
Maria Margareth Mendonça	
Renata Caroline dos Santos Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.43020151219	

CAPÍTULO 20.....	284
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AS ATIVIDADES INTEGRADAS DO NÚCLEO DE ESTUDOS E ORIENTAÇÃO AMBIENTAL - NEO AMBIENT	
Clezi Conforto Zambon	
Ana Maria Taddei Cardoso de Barros	
Sandro da Silva Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.43020151220	
CAPÍTULO 21.....	291
AÇÃO DOCENTE E FORMAÇÃO CONTINUADA: SENTIDOS SUBJETIVOS EXPRESSOS POR UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA	
Sebastião Mateus Veloso Júnior	
Isabella Guedes Martinez	
Elias Batista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.43020151221	
CAPÍTULO 22.....	304
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E ENSINO DE CIÊNCIAS: UM RELATO SOBRE A UTILIZAÇÃO DE VÍDEOS PARA TRABALHAR CONCEITOS COM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E DO ENSINO MÉDIO	
Isabella Guedes Martinez	
Elias Batista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.43020151222	
CAPÍTULO 23.....	311
LÚDICO NO ESPAÇO DE MEMÓRIA MILITAR	
Augusto Machado Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.43020151223	
CAPÍTULO 24.....	320
DEU A LOUCA NO MUSEU	
Aline Ferreira Antunes	
Marina Ferreira de Souza Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.43020151224	
CAPÍTULO 25.....	333
MUSEU NACIONAL E COLÉGIO PEDRO II: O DIÁLOGO ENTRE CASAS IMPERIAIS DEDICADAS AO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO	
Vera Maria Ferreira Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.43020151225	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	349
ÍNDICE REMISSIVO.....	350

CAPÍTULO 1

A HISTÓRIA DE LONDRINA CONTADA POR IMAGENS: 20 ANOS DE DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

Data de aceite: 01/12/2020

Data de submissão: 31/08/2020

Paulo César Boni

Universidade Estadual de Londrina (UEL)
<http://lates.cnpq.br/8025007692091359>

Cássia Maria Popolin

Universidade Estadual de Londrina (UEL)
<http://lattes.cnpq.br/1519360943387393>

RESUMO: *A História de Londrina contada por imagens*, projeto plural de documentação fotográfica, teve início em 2001 e será encerrado em 2020. O projeto é desenvolvido pelo Curso de Especialização em Fotografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e tem por objetivo registrar e documentar, de forma plural (pelo olhar de centenas de pessoas), as transformações paisagísticas urbanas e rurais de Londrina. A principal estratégia de coleta de imagens é a realização bienal, sempre nos anos ímpares, da *Maratona Fotográfica Clic o Seu Amor por Londrina*, concurso fotográfico no qual centenas de inscritos concorrem com três fotografias cada um. A cada maratona, 100 (cem) fotografias são selecionadas para compor uma exposição fotográfica e armazenadas em um banco de imagens. Em 2020, quando do encerramento do projeto, haverá uma megaexposição, com imagens de todas as maratonas. Uma consulta ao banco de imagens permite aos autores afirmar que os londrinenses que a visitarem irão se surpreender com as transformações urbanas

ocorridas em duas décadas. Parte dessas transformações é o que este trabalho se propõe a mostrar.

PALAVRAS - CHAVE: Documentação fotográfica; Fotografia e Memória; A História de Londrina (PR); *Clic o Seu Amor por Londrina*.

THE STORY OF LONDRINA TOLD BY IMAGES: 20 YEARS OF PHOTOGRAPHIC DOCUMENTATION

ABSTRACT: *The History of Londrina told by images*, a plural project of photographic documentation, started in 2001 and will end in 2020. The project is developed by the Specialization Course in Photography at the Londrina State University (UEL) and has to aims to record and document, in a plural way (through the eyes of hundred of people), the urban and rural landscape transformation of Londrina. The main strategy of collecting images is the biennial, always in odd years, of the *Marathon Photographic Clic Your Love for Londrina*, a photography contest in which hundred of applicants compete with three photographs each. For each marathon, 100 (a hundred) photographs are selected to compose a photographic exhibition and stored in na image bank. In 2020, when the project closes, there will be a mega exhibition, with images of all marathons. A simple consultation of the image bank allows the authors to state that londoners who visit it will be surprised by the urban transformations that have occurred in two decades. Parto of these transformations is what this work aims to show.

KEYWORDS: Photographic documentation;

O HISTÓRICO DO PROJETO – INTRODUÇÃO

Ninguém imaginava, nem mesmo os organizadores do evento, que um desprezioso concurso fotográfico, criado pelo Curso de Especialização em Fotografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), em 2001, ganhasse a magnitude de o mais importante projeto de documentação fotográfica das transformações paisagísticas urbanas e rurais de Londrina nas duas primeiras décadas do século XXI.

Com o objetivo de criar uma nova atividade prática para seus estudantes, o Curso de Especialização em Fotografia da UEL lançou, em 2001, um concurso fotográfico intitulado I Maratona Fotográfica *Clic o Seu Amor por Londrina*. O objetivo, em um primeiro momento, era apresentar Londrina para os estudantes da especialização, pois, neste ano, havia estudantes de nove estados da federação nela matriculados. A estratégia era simples: unir o útil ao agradável, ou seja, enquanto eles praticassem uma atividade fotográfica (o útil), aproveitariam para conhecer os encantos paisagísticos, arquitetônicos, culturais e gastronômicos de Londrina (o agradável).

O concurso foi, em princípio, pensado como uma atividade interna. Mas, em conversa com o *staff* do Foto Célula (a quem o curso foi pedir patrocínio) e com membros do Foto Clube de Londrina (com quem foi trocar ideias), surgiu a proposta de realizar um concurso aberto à população. Afinal, muita gente tinha por hábito fotografar as belezas e os simbolismos de Londrina e, com certeza, iria gostar de participar do concurso. Pronto. Ficou definido que o concurso seria aberto à participação de quem quer que fosse. Para tanto, começou-se a discutir um regulamento que previsse a delimitação da temática, os critérios para participação, a avaliação das fotografias concorrentes, a premiação e outros itens.

Ficou definido que o concurso aconteceria como uma espécie de “maratona”, na qual os inscritos receberiam um filme de 36 poses no início da manhã e teriam até o final da tarde para entregá-lo sensibilizado. O regulamento determinou como temática o município de Londrina, podendo participar fotografias que registrassem aspectos das áreas rural e urbana. Fotografias que não apresentassem localização espacial (referência iconográfica) suficiente para identificar a temática seriam automaticamente desclassificadas. Para a realização da maratona foi escolhido o dia 23 de setembro de 2001, um domingo de primavera. O título do concurso, assim como o regulamento, orientava os concorrentes “a declararem o seu amor por Londrina por meio de fotografias”. Ambos, título e regulamento, sugeriam que os participantes fotografassem espaços bonitos, icônicos, simbólicos ou identitários, que tivessem algum grau de afetividade do concorrente com o município de Londrina ou que, para eles, representassem algum lugar de pertencimento.

Dia 23 de setembro de 2001, os 195 inscritos participaram de um café da manhã

de confraternização, servido às 07h00, em uma barraca montada na área de lazer Luigi Borghesi (mais conhecida como Zerão, pelo fato de seu formato lembrar um grande zero), onde cada qual recebeu um filme de 36 poses, chancelado (identificado), que teria que devolvê-lo, sensibilizado, até as 18h00 em uma loja do Foto Célula, que permaneceu aberta em pleno domingo, exclusivamente para receber esses filmes.

Todos os participantes disputavam em igualdades de condições. Receberam o mesmo filme (ISO 100) e fotografaram durante os mesmo tempo e condições climáticas. O Foto Célula ficou responsável por revelar os filmes com as mesmas condições de equipamento e de produtos químicos e preparar uma prova (copião) com todas as fotografias, para que os participantes pudessem ver a prova (copião) e, com ela e com os negativos em mãos, escolher as três fotografias com as quais iriam participar do concurso.

Novamente, o Foto Célula manteve uma loja aberta, em um final de semana determinado no regulamento, para que os concorrentes fossem até lá, vissem e analisassem suas fotografias (todas as 36 do filme) e escolhessem as três para participar do concurso. As fotografias escolhidas foram ampliadas no tamanho 30 X 45 cm e entregues, sem identificação do concorrente, à Comissão Julgadora (no ato da inscrição, cada participante precisava escolher um pseudônimo para identificar suas fotografias). Os dados pessoais dos inscritos ficavam em poder do responsável pela inscrição (Foto Célula), que, para a Comissão Julgadora, identificava as fotografias apenas com o pseudônimo dos participantes, para preservar sua identidade. O vencedor da primeira maratona, por exemplo, tinha por pseudônimo “Tião Doce”, uma referência jocosa ao famoso fotógrafo documentarista Sebastião Salgado.

Constituída por cinco experientes fotógrafos, a Comissão Julgadora foi responsável por selecionar e premiar as fotografias concorrentes da I Maratona Fotográfica *Clic o Seu Amor por Londrina*. Além da experiência em fotografia, os organizadores privilegiaram na composição da comissão profissionais que também tivessem amplo conhecimento sobre a história e a geografia de Londrina. Para tanto, ficou definido que um dos jurados seria um professor e fotógrafo, que representaria o Curso de Especialização em Fotografia da UEL, um fotógrafo representaria o Foto Clube de Londrina, um representaria (de preferência o editor de fotografia) o jornal *Folha de Londrina*, um representaria (de preferência o editor de fotografia) o *Jornal de Londrina* e um seria um fotógrafo de outra cidade, que participaria como convidado externo.

Maratona fotográfica cumprida, filmes revelados, provas (copiões) feitas, fotografias escolhidas pelos concorrentes, imagens ampliadas 30 x 45 cm e entregues em envelopes lacrados, identificados apenas com o pseudônimo sugerido pelo concorrente, a Comissão Julgadora entrou em ação, passou um domingo inteiro escolhendo: a) as três fotografias que seriam premiadas em primeiro, segundo e terceiro lugares; b) as cem fotografias que fariam parte da Exposição Fotográfica *Clic o Seu Amor por Londrina*.

A exposição com as cem fotografias selecionadas foi realizada em um shopping center

da cidade, local com grande fluxo de pessoas. Ela foi aberta por ocasião do aniversário de Londrina, comemorado no dia 10 de dezembro. A ideia, desde sempre, foi democratizar o resultado do concurso, promovendo uma exposição itinerante. Assim, depois do shopping, ela percorreu outros espaços públicos como bibliotecas, escolas, igrejas e empresas ou instituições que manifestassem interesse em expô-la em seu espaço.

Finalizado o julgamento, a Comissão Julgadora, surpresa com a diversidade de olhares, a qualidade técnica e a beleza e plasticidade das fotografias, alertou os organizadores que se tratava de um acervo precioso de imagens sobre Londrina e sugeriu que o concurso se repetisse periodicamente e que as 100 fotografias selecionadas para a exposição fossem armazenadas em um banco de imagens. Os organizadores, então, decidiram manter o concurso com a periodicidade bienal (uma vez a cada dois anos, sempre nos anos ímpares), constituir o banco de imagens (na época, os negativos em celulóse precisavam ser digitalizados) e criar o projeto *A História de Londrina contada por imagens*, com vigência de 2001, data da realização da primeira maratona, a 2020.

O projeto foi montado objetivando documentar as transformações paisagísticas urbanas e rurais de Londrina durante vinte anos, de 2001 a 2020. A proposta é que em 2020, data prevista para encerramento do projeto (o encerramento do projeto não significa necessariamente o fim das maratonas fotográficas, que poderão continuar ocorrendo), seja realizada uma megaexposição fotográfica, com imagens de todas as maratonas realizadas, para que os londrinenses possam visualizar as transformações ocorridas no município, especialmente na cidade, ao longo de duas décadas.

Isso definido, os organizadores pensaram em direcionar o concurso para documentar a ocorrência de transformações. Por transformações entende-se a abertura de rodovias, ruas e avenidas; a duplicação de rodovias; a pavimentação de vias; a construção de prédios, pontes e praças; a demolição de casas residenciais e estabelecimentos comerciais antigos para dar lugar a novas construções; contrastes entre velho e novo, tradicional e moderno, riqueza e pobreza, luxo e lixo etc. Transformações, no entanto, nem sempre resultam em fotografias plasticamente belas. Isso passou a ser um grande desafio para os organizadores, pois o título do concurso era (e continua até hoje) *Clic o Seu Amor por Londrina* e o mote publicitário era (e continua até hoje) que os concorrentes declarassem o seu amor pela cidade em que vivem por meio de fotografias. Ambos pressupõem, naturalmente, que as pessoas irão fotografar pontos turísticos, lugares bonitos, jardins bem cuidados, monumentos históricos, prédios modernos, tomadas noturnas, paisagens rurais e, claro, lugares de pertencimento, espaços com os quais elas se identificam com a cidade, como universidades, locais de trabalho e culto, praças e outros.

Assim, nas maratonas seguintes, o regulamento começou a destacar os objetivos documentais e comparativos do projeto e a dar dicas do que fotografar para participar do concurso. Houve compreensão e adesão de imediato, mas muita gente continuou fotografando as belezas visíveis e não a “frieza” das transformações (construções, por

exemplo). A partir da quarta edição, em 2007, o regulamento passou a deixar claro – e instigar – para os concorrentes fotografarem alguma transformação em uma maratona e voltar ao mesmo lugar, na maratona seguinte, para fotografar o resultado. Com isso, poderiam fotografar a demolição de casas para a construção de uma ponte ou viaduto, em uma maratona, por exemplo, e o canteiro de obras ou a ponte (ou viaduto) pronta, nas maratonas seguintes. Se assim o fizessem, o projeto teria registrado e armazenado em seu banco de imagens o antes, o durante e o depois de uma transformação urbana ou rural. Houve quem fotografou a ponte de uma estrada rural derrubada pela força das águas durante um período de chuvas intensas, a montagem de uma ponte metálica emergencial pelo exército, enquanto a ponte de concreto era reconstruída, a reconstrução e (re)inauguração da ponte original mais de dois anos depois de derrubada pelas águas. Exemplo perfeito dos objetivos documentais do projeto.

Além de registrar o antes, o durante e o depois das transformações paisagísticas urbanas e rurais, um dos importantes diferenciais do projeto é a multiplicidade de olhares sobre o tema. Duzentas pessoas participando de uma maratona significa duzentos diferentes olhares fotografando o mesmo tema. Essa pluralidade de pontos de vista é uma das maiores riquezas do projeto. Tem sido comum, ao longo dos anos, a Comissão Julgadora se surpreender com o ângulo ou com a proposta de leitura de alguma tomada fotográfica. Não raro, sobre um mesmo monumento ou ponto turístico (o Lago Igapó, por exemplo, o tema mais fotografado em praticamente todas as maratonas), vários olhares. Alguns mais atentos à composição, alguns mais preocupados com a luz, alguns mais disciplinados, atentos à técnica e à linguagem fotográfica, alguns mais criativos, propondo uma nova leitura do espaço fotografado, alguns mais malucos... Enfim, a diversidade e a multiplicidade de olhares sobre um mesmo tema foi o que primeiro chamou a atenção da Comissão Julgadora, na primeira maratona, e continuam surpreendendo-a até hoje, nas maratonas sucessivas.

Uma análise detalhada do acervo do banco de imagens dos coordenadores do projeto e organizadores das maratonas permite aos autores deste trabalho afirmar que os londrinenses irão se surpreender com a quantidade e variedade das transformações paisagísticas urbanas e rurais ocorridas nos últimos vinte anos em Londrina. Em dezembro de 2020 ocorrerá o encerramento do projeto de documentação fotográfica *A História de Londrina contada por imagens*, com uma megaexposição com mais de 300 fotografias (em *stand by* por conta da pandemia do novo coronavírus), oriundas de todas as maratonas realizadas, e a publicação de um livro (em fase final de produção), que contará a trajetória não só do projeto, mas de sua principal ferramenta de coleta de imagens, as maratonas fotográficas *Clic o Seu Amor por Londrina*. Em tese, o concurso que nasceu para ser apenas uma atividade prática para os estudantes da especialização em fotografia, de edição única, acabou se transformando no maior projeto plural de documentação fotográfica das transformações paisagísticas de Londrina.

Este trabalho mostra apenas algumas das transformações ocorridas no período de abrangência do projeto. Ele mostra o antes e o depois de diversas tomadas fotográficas. As fotografias do “antes” foram tomadas por participantes das maratonas; as fotografias do “depois” ou do “hoje” foram tomadas por maratonistas ou pelos autores deste trabalho. Para a maratona de 2019, a última do período do projeto (2001 a 2020), o regulamento orientou os concorrentes a retornarem a locais por eles antes fotografados e fazerem uma “revisita histórico-iconográfica¹”, ou seja, uma fotografia atual do que eles fotografaram no passado.

AVENIDA AYRTON SENNA DA SILVA

Uma das transformações visualmente mais notada nessas duas décadas de documentação fotográfica do projeto ocorreu na zona sul de Londrina, região da Gleba Palhano. Em 2003, durante a realização da II Maratona Fotográfica *Clic o Seu Amor por Londrina*, o fotógrafo Edvaldo de Freitas Munhoz fez a tomada fotográfica de um “carreador²” (Figura 1) que atendia precariamente as necessidades de deslocamento e transporte das chácaras e sítios ali existentes. Depois da morte de Ayrton Senna em 1994, um chacareiro da região despretensiosamente decidiu prestar uma singela homenagem ao piloto. Mandou fazer uma pequena placa com os dizeres Rua Ayrton Senna da Silva, pregou-a em uma viga de madeira e fincou-a no carreador, em frente a sua propriedade. Isso foi uma iniciativa particular, ingênua, simplória, sem nenhum trâmite na prefeitura ou na câmara de vereadores.

Anos depois, acentuadamente a partir da segunda metade da primeira década dos anos 2000, a cidade registrou um surto de crescimento urbano naquela região, transformando-a em um dos endereços mais luxuosos, cobiçados e caros de Londrina. O antigo carreador virou uma larga avenida, que a câmara de vereadores queria nominá-la como Avenida Nassib Jabur, para homenagear um empresário falecido em 2001. Os moradores da região não gostaram nem um pouco da possível mudança de nome do antigo carreador e se mobilizaram para que a avenida homenageasse, agora oficialmente, o piloto. Tanto a prefeitura quanto a câmara de vereadores não queriam, pois Ayrton Senna já era homenageado, emprestando seu nome para o autódromo da cidade. Mas a pressão popular (abaixo assinado, abraço simbólico e manifestações na avenida, cobertas e alardeadas pela imprensa local) foi maior e as autoridades cederam. Aquela inocente

1 O termo “revisita histórico-fotográfica” foi cunhado pela Academia para designar uma visita em tempos atuais a um local fotografado em tempos passados. De posse da fotografia “antiga”, o fotógrafo volta exatamente ao mesmo local e ângulo de tomada e faz uma fotografia “atual” do mesmo espaço, para registrar as mudanças ocorridas entre os dois períodos fotografados. Um dos primeiros fotógrafos a utilizar essa possibilidade fotográfica comparativa no Brasil foi Militão Augusto de Azevedo, que, em 1862, fez diversas tomadas de diferentes pontos da cidade de São Paulo e, 25 anos depois, em 1887, voltou aos mesmos lugares e fez novas tomadas fotográficas, para registrar as mudanças (notadamente as transformações urbanas) ocorridas nos locais fotografados.

2 Termo de origem rural, que designa um caminho de chão batido aberto no meio de uma mata ou de uma lavoura, pelo qual, normalmente, só passam pessoas, animais, carroças e veículos utilizados na agricultura.

placa naquele desconhecido carreador, no final dos anos 1990, acabou batizando uma das mais importantes avenidas de Londrina, a Avenida Ayrton Senna da Silva, hoje repleta de prédios comerciais e residenciais (Figura 2).



Figura 1 – Antiga Rua (carreador) Ayrton Senna da Silva, em 2003

Fotografia: Edvaldo de Freitas Munhoz

Fonte: Acervo do projeto *A História de Londrina contada por imagens*



Figura 2 – Avenida Ayrton Senna da Silva, em 2019

Fotografia: Paulo César Boni

Fonte: Acervo pessoal do autor

As diferenças em termos de mobilidade e urbanização registradas por um dos concorrentes da segunda maratona fotográfica, realizada em 2003, e por um dos autores

deste artigo, em 2019, são gritantes. O que era “zona rural” em 2003, hoje é um espaço urbano dominado pela verticalização das construções, com intenso fluxo de veículos. O caso do nome da avenida é uma apenas uma peculiaridade para enriquecer a história de Londrina e o projeto de documentação fotográfica *A História de Londrina contada por imagens*.

PRAÇA TOMI NAKAGAWA

Quando a fotógrafa Marjhorie Licinger Ruiz fez esta tomada fotográfica (Figura 3), em 2007, por ocasião da realização da IV Maratona Fotográfica *Clic o Seu Amor por Londrina*, com certeza ela quis registrar o Pronto Atendimento Infantil (PAI), hospital inaugurado em 26 de março de 1999. Ele funciona no centro da cidade, em um terreno de 6.000 m² no quadrilátero (quarteirão) entre a Avenida Leste-Oeste e Rua Benjamin Constant (no sentido norte-sul) e a Avenida Duque de Caxias e a Rua Mato Grosso (no sentido leste-oeste). Com proposta de atendimento integrado a crianças de zero a 12 anos, o hospital, com 2.400 m² de área construída, era, à época de sua inauguração, considerado o único do gênero no Brasil. A construção demorou pouco mais de um ano e custou aos cofres públicos cerca de R\$ 4 milhões, incluindo os equipamentos.



Figura 3 – Pronto Atendimento Infantil (PAI) de Londrina, em 2007

Fotografia: Marjhorie Licinger Ruiz

Fonte: Acervo do projeto *A História de Londrina contada por imagens*

A construção do hospital, claro, representava uma transformação urbana e a fotógrafa quis registrá-lo para participar do concurso e para o banco de imagens do projeto. Para a tomada fotográfica, ela posicionou-se em um terreno vazio (no quadrilátero

anterior, se pensarmos no sentido oeste-leste), que até então era utilizado como um ponto de carroças de aluguel. Ali existia um bebedouro para os animais e, enquanto esperavam pela contratação de pequenos fretes, os carroceiros permaneciam à sombra de uma árvore próxima ao bebedouro. O que a fotógrafa possivelmente não imaginava é que o terreno em que ela se posicionou para a tomada fotográfica fosse passar por uma nova e importante transformação urbana. Provavelmente sem saber, ela, que havia fotografado apenas um terreno vazio próximo ao PAI, registraria o “antes” dessa nova transformação.

No quadrilátero vazio (Avenida Leste-Oeste e Rua Benjamin Constant, no sentido norte-sul, e ruas Mato Grosso e Minas Gerais, no sentido leste-oeste) foi construída a Praça Tomi Nakagawa, cujo nome oficial é Praça do Centenário da Imigração Japonesa Tomi Nakagawa. A inauguração da praça, principal evento das festividades do centenário da imigração japonesa³, ocorreu no dia 22 de junho de 2008, com a presença do príncipe herdeiro do Japão, Naruhito, e do vice-presidente da República, José Alencar. A imagem de 2019 (Figura 4), tomada do mesmo ângulo em que Marjhorie registrou o PAI, em 2007, mostra a transformação urbana ocorrida no local. Londrina trocou um terreno vazio por uma praça temática, uma autêntica exposição da cultura e de símbolos do Japão a céu aberto. A praça significou o reconhecimento e uma forma de agradecimento de Londrina à relevância da participação dos japoneses no processo de colonização e desenvolvimento da cidade.



Figura 4 – Praça Tomi Nakagawa, em 2019

Fotografia: Paulo César Boni

Fonte: Acervo pessoal do autor

³ A data correta do centenário da imigração japonesa é 18 de junho. Em 18 de junho de 1908, a chegada do navio Kasato Maru ao Porto de Santos, trazendo os primeiros 781 imigrantes, marca o início da imigração japonesa no Brasil. A praça foi inaugurada em 22 de junho de 2008 por motivo de agenda do príncipe Naruhito.

Nesta nova tomada fotográfica (Figura 4), é possível ver uma parte da Praça Tomi Nakagawa, com símbolos da cultura japonesa, mas, em razão do crescimento das árvores, pouco se vê do PAI. Vê-se apenas uma parte do caramanchão e uma parte do prédio do hospital, inclusive a torre, entre duas palmeiras. Logo abaixo da torre, se ampliarmos a fotografia, é possível ler o letreiro: Pronto Atendimento Infantil. Nas duas décadas de vigência do projeto *A História de Londrina contada por imagens*, essa região de Londrina passou por várias transformações paisagísticas, como a construção do PAI, da Praça Tomi Nakagawa e do Londrina City Shopping, no qual se destaca a loja da Havan, no espaço onde antigamente funcionou o Hotel Berlim, em frente à Praça Rocha Pombo (o projeto tem fotografias da demolição do hotel e da construção da loja, que serão objetos de estudo em outros trabalhos). Provavelmente, pouca gente se lembre do vazio urbano existente nessa região até o final dos anos 1990. O desenvolvimento deste projeto, no entanto, reúne uma pluralidade de documentos fotográficos que contribuirão para a preservação da memória de Londrina, evitando que sua história caia na vala comum do esquecimento e a cidade perca sua identidade.

PRAÇA PÉ VERMELHO

Celso Suzuki, um dos mais constantes participantes das maratonas, fez esta tomada fotográfica (Figura 5) da Praça Pé Vermelho, na Gleba Palhano, para participar da V Maratona Fotográfica *Clic o Seu Amor por Londrina*, realizada em 2011. Três das cinco fotografias mostradas neste trabalho, aliás, foram tomadas na maratona de 2011, quando o conceito de registrar as transformações paisagísticas urbanas e rurais já estava consolidado no imaginário dos participantes. A praça havia sido inaugurada em 14 de agosto de 2010. Ela foi resultado de uma parceria do poder público com a iniciativa privada. Campeã de prédios na Gleba Palhano, a Construtora Plaenge, concedeu parte de um lote adquirido (conforme prevê a Lei de Parcelamento do Solo) e se responsabilizou pela construção da praça, uma espécie de contrapartida pelo número de construções no local. O terreno tem cerca de 2.000 m² e a Plaenge investiu cerca de R\$ 1 milhão na construção da praça.



Figura 5 – Praça Pé Vermelho, na Gleba Palhano, em 2011

Fotografia: Celso Suzuki

Fonte: Acervo do projeto *A História de Londrina contada por imagens*

A praça, a começar pelo nome, é uma homenagem à história de Londrina. O nome “pé vermelho” é uma alusão aos nativos da região, de férteis terras vulcânicas avermelhadas. O londrinense adotou, com orgulho, o termo “pé vermelho” como um símbolo de sua ligação umbilical e identidade com a cidade. O piso da praça é em *petit pavé*, popularmente chamada de pedra portuguesa, e lembra o antigo Calçadão, hoje quase todo (exceto o espaço em frente ao Teatro Ouro Verde, que é tombado pelo patrimônio histórico) substituído por *paver*. Parte da arquitetura, os *toris*, lembra e homenageia a imigração japonesa. Os bancos são de plástico reciclado, mas com a aparência de madeira, demonstrando preocupação com a sustentabilidade e lembrando que Londrina já foi referência nacional em reciclagem de resíduos sólidos. As 28 luminárias instaladas lembram o formato de araucárias, a árvore símbolo do estado do Paraná. Por fim, as mais de 30 variedades de árvores e de vegetação rasteira são nativas da região, inclusive o café, que foi o motor da economia norte paranaense até a década de 1970.

Para a imagem atual (Figura 6), tomada em 2019, do mesmo ângulo que a de 2011, foi preciso a utilização de uma escada, pois o pé de café que aparece na imagem anterior cresceu e fechou o ângulo de visão. Mas não foi só o pé de café que cresceu, o número de prédios também. Na fotografia de 2011 é possível ver alguns prédios em construção. Na de 2019, estes foram concluídos, e novos surgiram no entorno da praça.



Figura 6 – Praça Pé Vermelho, na Gleba Palhano, em 2019

Fotografia: Cássia Maria Popolin

Fonte: Acervo pessoal da autora

No entorno da Praça Pé Vermelho, a aglomeração de prédios residenciais é muito acentuada. As transformações urbanas ocorridas na Gleba Palhano em duas décadas é motivo de surpresa, indignação e estudos por urbanistas, engenheiros, sociólogos e historiadores. Poucos espaços urbanos no Brasil e no mundo cresceram tanto em tão curto espaço de tempo. Por sorte, o projeto *A História de Londrina contada por imagens* dispõe de documentação fotográfica que registram essas transformações desde o início. Dizemos por sorte, porque, normalmente, no afã de construir, pouca gente se lembra de registrar a memória.

LONDRINA NORTE SHOPPING



Figura 7 – Construção do Londrina Norte Shopping, em 2011

Fotografia: Edvaldo de Freitas Munhoz

Fonte: Acervo do projeto *A História de Londrina contada por imagens*

O fotógrafo Edvaldo de Freitas Munhoz é, sem dúvida, um dos constantes participantes das maratonas que melhor incorporou o espírito de registrar as transformações paisagísticas urbanas e rurais de Londrina. Foi ele quem registrou o carreador Ayrton Senna da Silva, em 2003. Na V Maratona Fotográfica *Clic o Seu Amor por Londrina*, realizada em 2011, ele fez outra tomada histórica: registrou o canteiro de obras da construção do Londrina Norte Shopping (Figura 7), na região do Cinco Conjuntos, na zona norte de Londrina, próximo ao Terminal Urbano Milton Gavetti. O shopping fica na Rua Américo Deolindo Garla, 224 – Jardim Pacaembu. O terreno no qual estava sendo construído, à época, era um imenso vazio urbano entre a Avenida Brasília (Trecho urbano da BR-369) e a Avenida Saul Elkind (a principal avenida do Cinco Conjuntos). A construção demorou cerca de três anos e o shopping foi inaugurado em 1º de novembro de 2012, com 168 lojas, 1.100 lugares na praça de alimentação e 1.500 vagas no estacionamento, gerando 1.500 empregos diretos.

O empreendimento, a cargo da Construtora Catuaí (empresa londrinense que também havia construído o Catuaí Shopping Center na zona sul) e do Grupo BR Malls, de São Paulo (considerado o maior administrador de shoppings centers do Brasil), visava preencher um vácuo de comércio, lazer e entretenimento diferenciados na zona norte de Londrina. A construção observou as leis de sustentabilidade ambiental, atentando para a iluminação natural e reaproveitamento de águas, além de priorizar um projeto paisagístico

que oferece uma privilegiada visão panorâmica da cidade na praça de alimentação.



Figura 8 – Londrina Norte Shopping, em 2019

Fotografia: Felipe Oliveira

Fonte: Acervo pessoal do fotógrafo

Para a tomada fotográfica atual (Figura 8), o fotógrafo Felipe Oliveira recorreu à ajuda de um drone, pois ela precisou ser feita de um ângulo mais alto, para se aproximar do ângulo feito por Edvaldo Munhoz em 2011, que deve ter feito de cima da torre de telefonia próxima ao local. O Londrina Norte Shopping, hoje, além de uma importante conquista econômica para a região, representa uma significativa transformação urbana para a zona norte de Londrina, pois outras transformações já estão ocorrendo em seu entorno, contribuindo para a valorização imobiliária, o crescimento econômico e o desenvolvimento social da região. Transformações plural e amplamente documentadas pelos participantes das maratonas fotográficas e que fazem parte do acervo do banco de imagens do projeto *A História de Londrina contada por imagens*.

BOULEVARD LONDRINA SHOPPING

Na V Maratona Fotográfica *Clic o Seu Amor por Londrina*, realizada em 2011, a fotógrafa Thaís Cristina de Souza, registrou a construção do Boulevard Londrina Shopping (Figura 9), na Avenida Theodoro Vitorelli, 150, praticamente no centro da cidade, em frente ao Marco Zero (local em que os pioneiros da “caravana dos desbravadores” fincaram as primeiras estacas da cidade, em 1929) e próximo ao Terminal Rodoviário José Garcia Vilar, na Avenida 10 de Dezembro (data que comemora o aniversário da cidade, pois Londrina foi politicamente emancipada em 10 de dezembro de 1934).



Figura 9 – Construção do Boulevard Londrina Shopping, em 2011

Fotografia: Thaís Cristina de Souza

Fonte: Acervo do projeto *A História de Londrina contada por imagens*

O Boulevard Londrina Shopping, inaugurado em 3 de maio de 2013, com 236 lojas, um hipermercado, praça de alimentação com restaurantes e *fast-foods*, áreas de lazer e entretenimento, sete salas de cinema e 2.400 vagas de estacionamento, gera, atualmente, mais de 3.000 empregos diretos. Sua decoração é inspirada em motivos londrinos, para homenagear os ingleses da Companhia de Terras Norte do Paraná, que deram início à colonização e ao desenvolvimento de Londrina.

Neste sentido, vale destacar que o Boulevard Londrina Shopping, na realidade, faz parte de um projeto de empreendimentos denominado Complexo Marco Zero, que, além do shopping, da loja da rede de materiais de construção Leroy Merlin e do Hotel Ibis, já instalados, prevê ainda a construção de 16 torres residenciais e comerciais e um calçadão de 700 metros, que ligará todos os empreendimentos ao shopping. O Teatro Municipal, este de iniciativa do poder público, também deverá ser concluído no local (atualmente a construção está parada). A proposta do Complexo Marco Zero é revitalizar a zona oeste da cidade, transformando-a em um novo *boom* imobiliário, como ocorreu com a Gleba Palhano, na zona sul, no início dos anos 2000.

Quando a fotógrafa Thaís Cristina de Souza fez a tomada fotográfica (Figura 9), em 2011, a partir do Monumento ao Viajante, na rotatória entre as avenidas Arcebispo Dom Geraldo Fernandes (Leste-Oeste), Theodoro Vitorelli (continuação da Leste-Oeste, com alteração de nome) e Dez de Dezembro, o shopping estava em construção. É possível ver que apenas a parte estrutural estava pronta e a presença de guias no meio da obra. Depois de inaugurado, cerca de um ano e meio depois, o shopping representou uma importante

transformação urbana de Londrina: embelezou, revitalizou e valorizou uma área da cidade que estava praticamente abandonada.



Figura 10 – Obras na rotatória do Boulevard Londrina Shopping, em 2019

Fotografia: Cássia Maria Popolin

Fonte: Acervo pessoal da autora

Por força de novas demandas, essa área está passando por uma nova transformação, imprescindível para facilitar a mobilidade urbana: a construção de um viaduto no local da rotatória. Em tomada fotográfica de 2019 (Figura 10), pode-se ver que o Monumento ao Viajante já foi retirado do local (apenas o tripé de concreto que o sustentava continuava no local quando da tomada fotográfica em abril de 2019) que agora está transformado em um canteiro de obras. Com isso, o projeto documentou uma importante transformação urbana, ocorrida entre 2010 e 2013 (a construção do shopping) e documentará outra transformação, em andamento, a construção do viaduto da Avenida Dez de Dezembro (a Dez de Dezembro será elevada e a Leste-Oeste passará por baixo da Dez de Dezembro).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A boa surpresa com a qualidade e a plasticidade das fotografias concorrentes na I Maratona Fotográfica *Clic o Seu Amor por Londrina* despertou a Comissão Julgadora para a importância da realização de concursos periódicos e para a potencialidade de um projeto de documentação fotográfica. A maratona, que era para ser única, passou a ser realizada bianualmente, sempre nos anos ímpares, e seus organizadores criaram o projeto *A História de Londrina contada por imagens*, com início em 2001, já para aproveitar as fotografias da primeira maratona, e encerramento confirmado para 2020.

Durante essas duas décadas de vigência do projeto, muitas das transformações paisagísticas urbanas e rurais de Londrina foram fartamente documentadas com fotografias que, não raro, representam o antes, o durante e o depois das transformações. E com um diferencial importante, que lhe confere uma característica ímpar: a pluralidade de olhares sobre um mesmo tema.

Em 2020, para o encerramento do projeto (o que não significa o fim das maratonas fotográficas), os organizadores iriam promover uma megaexposição fotográfica (as fotografias já estão ampliadas, mas a exposição está em *stand by* por conta da pandemia do novo coronavírus), com fotografias de todas as maratonas realizadas entre 2001 e 2019. Com certeza, os que a visitarem, quando de sua realização no Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, ficarão boquiabertos com a quantidade e a intensidade de transformações, principalmente urbanas, que a cidade viveu em duas décadas.

Para democratizar o resultado das maratonas e do projeto, os organizadores farão, em dezembro de 2020, como uma homenagem à cidade de Londrina, o lançamento de um livro que contará a trajetória histórica das maratonas fotográficas e do projeto de documentação fotográfica, mas, principalmente, reproduzirá muitas fotografias de todas as maratonas. O livro, em fase final de produção, contextualiza algumas fotografias e transformações paisagísticas, para recuperar a memória e enriquecer o processo de construção histórica de Londrina. Afinal, a recuperação e preservação da memória são extremamente importantes para a consolidação do processo identitário de um povo com seu local de vivência. Uma cidade sem memória é uma cidade sem identidade.

O livro usará, também, fotografias para recuperar fragmentos do amor que o londrinense sente por sua cidade. História como a de um chacareiro do antigo carreador e atual Avenida Ayrton Senna da Silva, que só concordou em vender sua propriedade para a construção de um grande prédio, inaugurado em 2019, caso a construtora se responsabilizasse por retirar uma grande sapucaia que existia na chácara e replantá-la em um espaço público. A construtora montou uma megaoperação, mobilizou uma grua e um guindaste, um caminhão e dezenas de trabalhadores, interrompeu parcialmente o trânsito, mas retirou, transportou e replantou a sapucaia (raiz, tronco e galhos podados) para as margens do Lago Igapó, onde, em breve, com certeza ela voltará a florir e encantar os motoristas e transeuntes que passarem pela rotatória da Avenida Ayrton Senna da Silva com a Rua Bento Munhoz da Rocha Neto. Histórias e fotografias que são verdadeiras declarações de amor a Londrina.

ÍNDICE REMISSIVO

C

Cidades Brasileiras 9, 29, 216

Conflitos Linguísticos 9, 12, 228

Conservação e restauro 10, 50, 51, 52

D

Documentação fotográfica 10, 1, 2, 5, 6, 8, 12, 16, 17

E

Educação 9, 12, 13, 47, 56, 59, 102, 125, 146, 170, 172, 173, 174, 177, 179, 202, 210, 224, 231, 233, 241, 242, 244, 245, 251, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 281, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 302, 303, 305, 307, 310, 311, 312, 313, 316, 319, 320, 321, 322, 323, 332, 333, 335, 336, 339, 340, 342, 346, 347, 348, 349

Educação Patrimonial 224, 311, 313, 340

Educação Profissional 12, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 339

Ensino de Ciências 13, 304

Ensino de Geografia 12, 277, 278

Ensino de História 319, 349

Etnobotânica 102, 126

F

Feminino 9, 152, 153, 155, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 173, 180

Formação Continuada 9, 12, 13, 266, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 291, 292, 299, 300, 301, 302

G

Gênero Biográfico 12, 199, 201, 202, 203, 207, 208, 209

I

Identidade 11, 12, 3, 10, 11, 17, 19, 35, 43, 46, 47, 48, 49, 51, 59, 66, 73, 155, 165, 167, 169, 170, 172, 174, 178, 188, 192, 197, 203, 211, 212, 224, 233, 236, 239, 240, 251, 262, 263, 264, 265, 273, 296, 326

Iniciação científica 333, 339, 342, 343, 347

L

Ludicidade 311, 314, 315, 316, 317

M

Mobiliário Urbano 10, 18, 19, 20, 25, 27, 29, 30, 31, 32, 34

Morfologia 127, 128, 131, 133, 134, 136, 137

P

Paisagem cultural 10, 18, 20, 24, 25, 29, 30, 32, 41, 50, 69, 71, 72, 73, 82, 211, 213

Paisagem industrial 10, 69, 71

Paisagem rural 10, 69

Paternidade 9, 11, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 194, 323

Patrimônio ambiental urbano 50, 57, 63, 64, 66

Patrimônio Histórico Cultural 212, 214, 225, 226

Patrimônio industrial 62, 66, 69, 260

Pertencimento 9, 2, 4, 35, 37, 44, 46, 47, 48, 49, 149, 159, 211, 213, 224, 282, 300, 302

Políticas Públicas 140, 147, 150, 178, 211, 213, 225, 275, 284, 286

Práticas agroalimentares 9, 11, 140, 142, 149, 151

Práticas Pedagógicas 269, 278, 282

S

Sabedoria popular 102

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

ALINE FERREIRA ANTUNES
(ORGANIZADORA)

Atena
Editora
Ano 2020

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 